

Entre a Polônia e o Brasil

Histórias de família

Família Gabriel: da Polônia ao Rio de Janeiro, do Rio de Janeiro à Polônia

Família Gabriel

Relato de Maria Malgorzata Gabriel

Somos quatro gerações seguindo tradições polonesas, mesmo longe da pátria do coração. É muita história para resumir: a minha família reúne as trajetórias de **Gabriel, Wojnowski e Schubert**.

Meu pai veio para o Rio de Janeiro depois de servir na RAF (*Royal Air Force*), pois não quis voltar para uma Polônia sob o regime comunista. Décadas mais tarde, minha filha fez o caminho de volta: ganhou uma bolsa de estudos, prestou a prova em polonês, passou em primeiro lugar para Medicina e escolheu estudar em Gdańsk, cidade onde o pai dela nasceu. Hoje, trabalha como cardiologista na Alemanha, e meu neto tem três nacionalidades: polonesa, brasileira e alemã. Nada foi fácil, mas com muito amor, fé e cultura seguimos adiante.

Quando eu tinha cerca de três anos, uma das lembranças mais ricas que me acompanha é a de correr por baixo das cadeiras da grande sala enquanto meu pai vinha atrás de mim, de joelhos, e minha mãe ria à porta com meu irmão bebê nos braços. Quando eu percebia que não tinha mais escapatória, perguntava: *“Tato, ty mi wszystko kupisz?”* — “Pai, você me compra tudo?”. Ele me pegava no colo, fazia cócegas e respondia: *“Tak, Lalinko, wszystko! Nawet księżyc i gwiazdy!”* — “Sim, Lalinka, tudo! Até a lua e as estrelas!”.

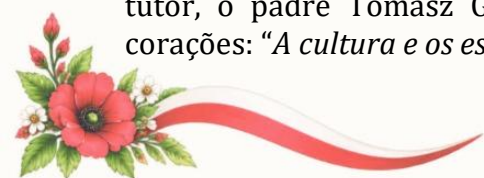


Em casa, tudo era falado em polonês. Era a primeira língua minha e de meu irmão e, depois, também esteve presente na criação de meus filhos. Meu pai dizia que não nos entenderia se falássemos em português. Na infância, isso às vezes dificultava nossa adaptação. Eu mesma fui repreendida na escola por não saber escrever “carretel”: eu simplesmente não conhecia a palavra em português. Anos depois, algo semelhante aconteceu com minha filha Monika, que aos quatro anos tinha dificuldade para se comunicar na escola. Hoje somos profundamente gratos por nossos pais terem insistido no idioma: ele se tornou uma ponte permanente com nossas origens.

Família Gabriel: Aniela (minha mãe), Maria (Marylka – como me chamam), Jan (meu irmão) e Antoni Gabriel (meu pai).

Polonia Sociedade RJ – 1968 – Foto digitalizada-Acervo Família

A história de meu pai, Antoni Gabriel, é de muita superação. Nascido em Mníchowice, ficou órfão ainda menino e, como o mais velho entre os irmãos, cresceu cedo. Mesmo assim, alimentava o sonho de voar. Consertava rádios, inventava equipamentos e estudava sempre que podia. Seu tio e tutor, o padre Tomasz Gabriel, repetia uma frase que meu pai gravou também em nossos corações: *“A cultura e os estudos ninguém tira de você, nem a guerra!”*.



Depois de servir no Exército como mecânico de aviões, Antoni construiu, entre os 23 e 25 anos, o próprio avião. Em 11 de outubro de 1936, realizou um voo pioneiro de cerca de 45 minutos sobre cidades polonesas. O avião, batizado de **Ślask**, tornou-se parte importante da memória de nossa família e da região onde ele nasceu.



Avião que Antoni Gabriel projetou e construiu como autodidata e o pilotou sem nunca antes ter voado.

*O avião Ślask, projetado e construído por Antoni Gabriel, que realizou seu voo pioneiro em 1936. Polônia – 1936.
Acervo Família.*

Com a Segunda Guerra Mundial, sua vida mudou completamente. Meu pai foi enviado para a Sibéria e sobreviveu à fome, ao frio e à perda de companheiros. Contava que, em certa ocasião, um médico precisava de instrumentos para realizar um parto difícil e soube que ele tinha formação técnica em serralheria. Antoni fabricou as ferramentas necessárias; o parto foi bem-sucedido e, em gratidão, o médico passou a levar comida escondida para a cela onde ele e seus companheiros resistiam. Mais tarde, quando a União Soviética passou a integrar o esforço aliado, meu pai serviu como piloto na RAF. Voou em diferentes aeronaves de guerra e sobreviveu ainda ao torpedeamento de um navio na costa da África, permanecendo dias no oceano até ser resgatado.

Ao fim da guerra, Antoni não quis voltar para a Polônia sob o novo regime. Veio para o Brasil em 1947 e escolheu o Rio de Janeiro, onde recomeçou praticamente do zero. Minha mãe, Charlota Aniela, só conseguiu se reunir a ele em 1956. Ela também carregava memórias dolorosas da guerra: a invasão de sua região, a perda de dois irmãos e os anos de insegurança. Depois do conflito, trabalhou na área de contabilidade, experiência que seria fundamental para ajudar meu pai nos negócios no Brasil.

Aniela Gabriel chegou ao Brasil em 1956, viajando da de Portugal para o Rio de Janeiro (KLM – The Flying Dutchman) Aeroporto Internacional do Galeão – Rio de Janeiro - RJ – 1956 – Acervo Família.



Meus pais trabalharam muito. Meu pai passou por empresas de engenharia e estruturas metálicas, até construir seus próprios galpões e oficinas. Mais tarde fundaram uma empresa de máquinas industriais. Minha mãe cuidava da parte administrativa e o apoiava em tudo. A casa e os galpões construídos por eles, próximos à Avenida Brasil, não eram apenas patrimônio: eram o símbolo concreto de um recomeço conquistado com trabalho.



Apesar da correria, a vida familiar era cheia de música. Meus pais tocavam instrumentos, gostavam de cantar e dançar e amavam Chopin. Eu me formei em Engenharia Química e também como bacharel em Piano. Participávamos ativamente da comunidade polonesa do Rio de Janeiro, primeiro no bairro de Fátima e depois em Laranjeiras. Havia missas em polonês, teatro amador, saraus, danças, coral, festas e encontros. Em casa, recebíamos amigos poloneses, e muitas vezes a casa “tremia” de tanta música e dança.



Encontro da comunidade polonesa no Rio de Janeiro: música, convivência e tradições que marcaram a vida da família. Acervo da família.

Nos anos 1970 e 1980, voltamos algumas vezes à Polônia. Em 1980, viajei com minha mãe e reencontramos parentes, lugares e histórias que até então existiam sobretudo nas lembranças familiares. Naquela viagem, também revi Ryszard Wojnowski, que eu havia conhecido no ano anterior. Rysio estudava Engenharia Naval e me levou para conhecer o Estaleiro de Gdańsk. Pouco depois, uma grande greve paralisou a região. Mais tarde nos casamos, e ele veio morar no Rio de Janeiro. Assim, a história da família Gabriel se uniu à família Wojnowski.

Do meu pai também herdamos o amor pelo voo. Quando passei no vestibular aos 17 anos, ele me presenteou com o curso de asa-delta que eu tanto queria. Meu irmão Jan veio junto. Voamos desde então e nos tornamos parte da geração pioneira do voo livre no Brasil. Minha mãe rezava muito, claro, mas quando nos via decolar da Pedra Bonita e pousar em São Conrado apontava, orgulhosa: “São meus filhos voando!”.

Essa paixão atravessou gerações: meu irmão continuou voando; meu sobrinho tornou-se piloto e instrutor; minha filha Monika também voa; e meu filho Matheus, que infelizmente perdemos muito jovem, foi piloto de avião e de parapente. Para nós, voar nunca foi apenas um esporte. Era também uma maneira de continuar uma história iniciada pelo meu pai na Polônia, décadas antes de nascermos.

O voo tornou-se uma herança familiar. Maria em voo sobre o Rio de Janeiro, com o Cristo Redentor ao fundo. Foto tirada por Maria Gabriel, com seu irmão Jan Gabriel pilotando o ultraleve. Janusz, como o chamamos em família, é piloto de asa-delta, Mosquito NRG e ultraleve. Rio de Janeiro – 2009.



Monika realizou de modo muito especial o retorno que meus pais sempre sonharam. Estudou Medicina na Polônia, em Gdańsk, e manteve sua ligação com o país mesmo depois de seguir a carreira de cardiologista na Alemanha. Ela e meu filho viajaram muitas vezes comigo pela Polônia e pela Europa. Em 2011, participamos das comemorações dos 75 anos do voo do Śląsk, no ano do centenário do nascimento de meu pai. Mais tarde, um monumento em sua memória foi inaugurado em Mnichowice. Ver a história dele reconhecida em sua terra natal foi uma emoção enorme.

Nossa ligação com a Polônia nunca se limitou às viagens. Continuamos participando de missas, festas, apresentações e encontros da comunidade. Recebemos parentes e amigos vindos da Polônia e fazemos questão de preservar o idioma. Meu neto Maximilian representa hoje a quarta geração dessa história: é polonês, brasileiro e alemão e cresceu convivendo com três línguas.

Quando penso nele, em minha filha, em meu irmão e em tudo o que meus pais construíram, percebo que a herança que recebemos não está apenas nos documentos, na casa ou nas fotografias. Está na língua, na música, na fé, na coragem de recomeçar e nessa vontade de continuar seguindo em frente. Meus pais começaram quase do zero, contando sobretudo com a cultura que trouxeram de sua terra natal, e fizeram dela um alicerce para as gerações seguintes.

Às vezes reflito se, com minha filha e meu neto na Europa, meu caminho também não poderá me levar novamente às raízes. Mas, esteja onde estiver, continuo repetindo aquilo que aprendi com meus pais: seguir com fé e otimismo. Como sempre digo, o tempo voa. Nós também. E assim vamos indo e voando, mantendo viva a memória da Polônia em nossa família.



Maria com o neto Maximilian, representante da quarta geração que mantém viva a ligação da família com a Polônia – Janeiro/ 2017. Acervo da família.

Maria Malgorzata Gabriel – mariamw@gabriel.eng.br

Realização:

Financiamento:

Apoio:

